

SER PRESENÇA NA AUSÊNCIA: A (AUTO)FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PANDEMIA DA COVID-19

BEING THE PRESENCE IN THE ABSENCE: TEACHER'S (SELF) EDUCATION UNDER THE COVID-19 PANDEMIC

Maiane Liana Hatschbach Ourique **1**
Lucas da Costa Lage **2**
Tamara Insauriaga Bueno **3**

Doutora em Educação, Universidade Federal de Pelotas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3241620845064515>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5042-3648>. E-mail: maianeho@yahoo.com.br **1**

Licenciando em Pedagogia, Universidade Federal do Pampa. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9460349418428244>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0119-9926>. E-mail: lucaslage.aluno@unipampa.edu.br **2**

Especializanda em Educação, Universidade Federal de Pelotas. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3974398892091297>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3364-5740>. E-mail: tamarabueno2012@hotmail.com **3**

Resumo: A pandemia da Covid-19 trouxe novos desafios para a educação e para a formação de professores. O presente artigo tem como objetivo principal compreender as reflexões e mudanças que a pandemia de Covid-19 ocasionou aos professores de Educação Infantil, assim como cogitar os possíveis impactos sobre o trabalho docente neste cenário. A pesquisa estrutura-se a partir da seguinte problemática: em que medida os encontros de formação docente realizados na forma sincrônica em um canal do Youtube atenderam às expectativas e necessidades dos professores da infância? O debate realizado tinha a intenção de fazer frente à “pobreza de experiências” que estava sendo fomentada no primeiro semestre de 2020. Através de uma perspectiva qualitativa e hermenêutica, a pesquisa registra e analisa as experiências docentes frente às diferentes demandas, expectativas e performances ocorridas no trabalho docente com o avanço da pandemia.

Palavras-chave: Formação de professores. Educação Infantil. Experiência. Trabalho docente. Pandemia.

Abstract: The Covid-19 pandemic brought new challenges for education and teacher's education. The article's main goal is to understand the reflections and changes that the Covid-19 pandemic affected teachers of Early Childhood Education, as well as to consider the possible impacts about teaching work in this scenario. The research is structured based on the following problem: how much did the teacher's education meetings held synchronously on a YouTube channel meet the expectations and needs of childhood teachers? The proposals presented during the event had the intention to face the “lack of experiences” that was put forward in the first semester of 2020. Through a qualitative and hermeneutic perspective, the research analyzes the evaluation of event participants, focusing on the different needs, expectations and performances that occurred in the teaching along the coronavirus pandemic.

Keywords: Teacher's education. Early Child Education. Experienc.; Teaching work. Pandemic.

Introdução

A pandemia de Covid-19 trouxe novos desafios para o cenário educacional brasileiro. Com as orientações emitidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS), no Brasil, desde março de 2020, vivencia-se algumas diretrizes de isolamento social, como o fechamento de diversos órgãos, dentre eles, escolas e universidades. Com isso, os profissionais da educação buscaram se aperfeiçoar e aprofundar seus conhecimentos para uma nova organização escolar.

Neste novo cenário, as tecnologias surgiram como um instrumento de interação, visando aproximar as pessoas. Proporcionando uma inovação no ambiente escolar, as diversas plataformas e aplicativos, como *WhatsApp*, *Facebook*, *Meet* e o *Youtube*, permitiram que o ensino alcançasse novos horizontes, novas aprendizagens e quebras de concepções vigentes sobre o papel dos professores, das famílias, das crianças.

Dentro dessa realidade de mudanças e novas demandas, diversas instituições de Educação Superior realizaram formações complementares, voltadas para os profissionais da Educação Básica, dentre elas a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Tais ações, por meio das tecnologias, permitiram um alcance maior, se comparado com sua realização presencial, assim como o reconhecimento sobre a importância das ciências e dos diferentes profissionais para lidar com a crise.

Com o foco no acompanhamento e na formação dos professores de Educação Infantil, uma das ações realizadas durante essa crise mundial foi um Ciclo de Debates ocorrido de forma *online* ao longo de 10 semanas de 2020. O presente artigo analisa esta iniciativa de formação continuada, tendo como objetivo principal compreender as reflexões e mudanças que a pandemia de Covid-19 ocasionou aos professores de Educação Infantil, assim como cogitar os possíveis impactos sobre o trabalho docente neste cenário. O evento somou-se a outras iniciativas da área da formação de professores, lançando mão das tecnologias digitais para romper as barreiras impostas pelo estado de calamidade. Considerando isso, a pesquisa estrutura-se a partir da seguinte problemática: em que medida os encontros de formação docente realizados na forma sincrônica em um canal do *Youtube* atendeu as expectativas e necessidades dos professores da infância? Em um contexto repleto de desafios, instabilidades e novas demandas, temos como conjectura inicial que a iniciativa abriu um canal de diálogo e de reconstrução da experiência docente, em um cenário social de adoecimento e altos índices de letalidade. Concomitante a isso, era necessário também cuidar do bem-estar das pessoas, acolhendo suas fragilidades e reconectando os professores ao sentido humano e cultural de sua profissão.

As incertezas e inseguranças vivenciadas socialmente foram discutidas durante os encontros, tornando-se o mote não somente para aventar as possibilidades e condições de um retorno às aulas presenciais, mas, principalmente, para avaliar as práticas que precisavam ser transformadas, pois já se mostravam equivocadas no modo presencial e foram deliberadamente expostas durante a crise. Para Tardif (2014, p. 33), “o saber docente se compõe, na verdade, de vários saberes provenientes de diferentes fontes”, por isso, mesmo vivendo a excepcionalidade da pandemia, foi possível exercitar a multiplicidade de saberes que permeiam a docência, aprofundando alguns princípios e justificativas basilares e inegociáveis para a institucionalização da educação das crianças. Além disso, destaca-se que esta iniciativa de formação docente alcançou profissionais de diversas localidades do Brasil, possibilitando a partilha de fontes e experiências diversas entre os participantes, assim como a projeção de horizontes comuns para o trabalho docente pós-pandemia.

Hargreaves cogita que o desenvolvimento profissional docente precisa considerar as potencialidades do trabalho docente permeadas pelas realidades da sociedade do conhecimento. Em suas palavras:

Em sua preparação, seu desenvolvimento profissional e suas vidas de trabalho, os professores de hoje em dia têm de compreender e conhecer a sociedade do conhecimento na qual seus alunos vivem e virão a trabalhar. Caso contrário, não serão capazes de preparar seus alunos para ela. Como proclama um antigo provérbio irlandês, “é preciso escutar o rio para ser capaz de pegar uma truta” (HARGREAVES, 2004, p. 19).

Os professores viram-se em meio a uma pandemia mundial, tendo que se reconectar ou adaptar às novas realidades, para além daquelas que já se encontravam na diversidade do seu trabalho escolar. Porém, agora, a excepcionalidade do distanciamento social e as práticas intituladas de “novo normal” vieram sem anúncio prévio, o que escancarou as desigualdades materiais e as múltiplas formas de conhecer e subsidiar a vida e a humanidade.

Desde o surgimento da educação escolar compulsória e de sua difusão pelo mundo, espera-se que a educação pública salve a sociedade. As escolas e seus professores devem resgatar as crianças da pobreza e da destituição, reconstruir o sentimento de nação nos períodos pós guerra, gerar trabalhadores especializados mesmo quando poucos empregos adequados os esperam, desenvolver tolerância entre crianças em um mundo no qual os adultos estão divididos pelo conflito religioso e étnico, cultivar sentimentos democráticos em sociedades que carregam as cicatrizes do totalitarismo, manter as nações desenvolvidas economicamente competitivas e ajudar aquelas que estão em processo de desenvolvimento e assim se tornarem, eliminar as drogas, pôr fim à violência e compensar os pecados da geração atual reformulando a maneira como os educadores preparam as gerações do futuro. (HARGREAVES, 2004, p. 27).

Dessa forma, a escola e seus professores são incumbidos de educar e preparar o educando para sua vida em sociedade, gerando, entre outras coisas, um ciclo de vigília e cobranças por conhecimentos úteis, eficácia e produção de capital cultural. O que se exige é a adoção de práticas pedagógicas que reforcem a ideia de “humanizar o animal da nossa espécie, disciplinando-o para modernizá-lo e, desse modo, iniciar a evolução capaz de convertê-lo num bom cidadão” (SIBILIA, 2012, p. 18).

A quebra da produção de experiências, identificada por Benjamin (2002), se fez presente no cenário educacional no início da pandemia. Ainda que de formas e por motivos diferentes, os docentes estavam “emudecidos”, sobrecarregados com demandas inesperadas de trabalho e em condições atípicas para o exercício de sua profissão. Práticas mais tecnocráticas, vazias de “ações de experiência”, de sentido e significado tornaram-se correntes. As propostas apresentadas, o espaço e as trocas que foram oportunizadas e estimuladas ao longo dos encontros de formação tinham a intenção de fazer frente à “pobreza de experiências”, como diria Benjamin (2012), que estava sendo fomentada no primeiro semestre de 2020 devido à fé demasiada nas tecnologias como forma de seguir a vida escolar, à escassez de troca de experiências significativas entre gerações sobre o que estava acontecendo no mundo, dentre outras coisas. Fez-se um resgate do patrimônio humano, a crise econômica diante da porta não foi ignorada, apresentou-se a tenacidade que o momento exigia, os professores ficaram incumbidos da missão de “dar um pouco de humanidade àquela massa, que um dia talvez retribua com juros e com os juros dos juros” (BENJAMIN, 2012, p. 119).

Esse artigo desenvolve uma abordagem qualitativa e hermenêutica, que considera o objeto de modo situado, concreto e, como tal, pesquisado. Dessa forma, “[...] o fundamental é o conhecimento do processo em si e não apenas os resultados, bem como sua atenção especial aos pressupostos que estão subjacentes à vida das pessoas” (TRIVIÑOS, 2001, p. 83). Nesta pesquisa, o “objeto” diz respeito aos depoimentos dos professores que participaram dos encontros de formação, que precisavam, a cada dia do evento, responder um formulário reflexivo com uma questão acerca da temática abordada no dia. Apresentamos, neste trabalho, uma análise desses questionários, como uma estratégia de acompanhar as mudanças na racionalidade e na estrutura do trabalho provocadas pela crise pandêmica. Destacamos que a análise hermenêutica e reconstrutiva (HABERMAS, 1987) que realizamos dos depoimentos dos professores considera os contextos político, histórico e cultural, buscando compreender de modo justificado os movimentos de formação docente, assim como produzir um registro dessas mobilizações em tempos de crise.

A organização deste trabalho deu-se em duas partes, inicialmente discorreu-se sobre as quebras de paradigmas educacionais, originadas pelo/no novo cenário educacional, repercutindo os impactos performativos disso no trabalho docente. Em um segundo momento, a partir dos depoimentos dos professores que participaram do evento, aprofundou-se a discussão acerca dos processos de (auto)formação mobilizados pelos professores, assim como dos dispositivos pedagógicos e valores humanos que estavam sendo acionados no campo da Educação Infantil a fim de ressaltar os efeitos formativos que a crise pandêmica incitou nos professores.

As crises da educação em meio à pandemia

A Educação Infantil foi, talvez, a etapa mais afetada com o chamado ensino remoto, que se instituiu desde a disseminação do vírus pelo planeta, uma vez que não faz sentido desenvolver seus princípios de modo remoto ou virtual. Diferente das demais etapas, o contato, as trocas, as experiências das crianças com o mundo e entre seus pares são condições indispensáveis para o trabalho nas instituições de Educação Infantil. Apesar disso, frente às muitas cobranças e exigências para uma continuidade do trabalho dos professores, muitos destes acabaram abrindo mão dos princípios e diretrizes que regulam o atendimento de qualidade às crianças para seguirem o ritmo das demais etapas da Educação Básica, como aulas virtuais e síncronas com as crianças e envio de tarefas para serem preenchidas. Essa cobrança deu início a uma série de discussões acerca do que se faria na Educação Infantil, uma vez que o atendimento às crianças de 0 a 5 anos ocorre em ambientes não domésticos, ou seja, acontece em espaços institucionais estruturados e planejados para isso.

Assim, os professores de Educação Infantil viram-se em meio de uma pandemia mundial e, concomitante, tendo que lidar com as tentativas de subverter seu trabalho às adaptações que os colegas de outras áreas estavam lançando mão. Isso implicaria em descaracterização das especificidades do atendimento institucional às infâncias, assim como em descumprir com as diretrizes basilares das políticas públicas que regem esta etapa educativa. Dessa forma, a solução para este cenário de interrogações sobre o sentido da Educação Infantil em tempos de isolamento social não estaria em repetir o que os professores do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio estavam fazendo, mas reforçar aquilo que é próprio do trabalho com as crianças e suas famílias, isto é, acompanhar, acolher, orientar, subsidiar as relações entre crianças e adultos neste processo de partilha de um mundo comum. Ao falar sobre a crise na educação, Arendt (2007) já advertia sobre as consequências de responder aos questionamentos, novos e antigos, da mesma forma que fazíamos, com ideias embasadas em preconceitos.

Ora, a crise força-nos a regressar às próprias questões e exige de nós respostas, novas ou antigas, mas, em qualquer caso, respostas sob a forma de juízos diretos. Uma crise só se torna desastrosa quando lhe pretendemos responder com ideias feitas, quer dizer, com preconceitos. (ARENDR, 2007, p. 2).

Neste sentido, os encontros de formação docente problematizaram e incentivaram a quebra de concepções escolarizantes para a educação da infância, buscando novas formas de responder tanto às questões que emergiram no cenário pandêmico, quanto às que já vinham sendo feitas no campo da Educação Infantil nos últimos anos. Ressalta-se que a postura assumida ao longo do evento pela comissão organizadora dizia respeito à ilegalidade de uma educação à distância para a etapa da Educação Infantil. Ia também ao encontro do que afirma Arendt (2007), sobre a educação ser uma das atividades mais elementares e necessárias, especialmente em tempos de crise:

Uma crise na educação suscitaria sempre graves problemas mesmo se não fosse; como no caso presente, o reflexo de uma crise muito mais geral e da instabilidade da sociedade moderna. E isto porque a educação é uma das atividades mais elementares e mais necessárias da sociedade humana a

qual não permanece nunca tal como é mas antes se renova sem cessar pelo nascimento, pela chegada de novos seres humanos. (ARENDR, 2007, p. 8).

Uma vez que todas as discussões propostas eram pensadas a partir da máxima de “ser presença em meio a ausência”, ou seja, de não se ausentar da vida das crianças e da rotina das famílias, assim como não deixar os professores de Educação Infantil desamparados diante da tendência de retorno de práticas pedagógicas de repetição e descontextualizadas da experiência infantil. Partindo das mudanças na relação entre criança, família e escola e chegando até a mudança na relação com as tecnologias e o uso que vinha sendo feito delas, ao longo do Ciclo falou-se sobre novas possibilidades e sobre não abrir mão do que é fulcral na educação da infância, nas palavras de Arendt (2007, p. 10): “o objetivo central de todos os esforços da educação moderna tem sido o bem-estar da criança”. Ao mesmo tempo, fomentou-se uma escuta sensível e acolhedora dos dilemas e inseguranças dos professores, almejando pôr um fim no estado de “emudecimento” (BENJAMIN, 2002) em que estes se encontravam.

Dentre as quebras de paradigmas que aconteceram no âmbito educacional, as metodologias de ensino e de aprendizagem por meio das tecnologias ganharam ênfase nesse período pandêmico. O que até então era proibido, ignorado e/ou pouco explorado ganhou muita atenção e relevância. Essa nova modalidade de ensino instiga que “a conexão às redes dissolve o espaço - sobretudo aquele que é pautado pelo confinamento -, mas também dilui o tempo, ambos como fontes capazes de organizar a experiência” (SIBÍLIA, 2012, p. 186), ou seja, amplia os horizontes frente às resistências do modelo tradicional.

Acrescenta-se a esse cenário de quebra de paradigmas as mudanças que perpassaram, e ainda perpassam, os projetos extensionistas. Com as mudanças no cenário educacional, e no mundo, os projetos extensionistas, talvez até mais do que antes, precisaram reformular as maneiras de estar presente na comunidade, de partilhar os conhecimentos que estavam/estão sendo construídos, uma vez que a excepcionalidade do momento expôs fragilidades e trouxe novas questões e responsabilidades para os docentes. O uso das tecnologias digitais, até pouco tempo estigmatizado, tornou-se o principal meio de contato e mobilização entre a comunidade externa e as universidades.

A interação dialógica que surge através dessas ações permite que a universidade faça parte do contexto social, reafirmando seu papel em trabalhar com a indissociabilidade da tríade, ensino, pesquisa e extensão.

Sem a interação dialógica, permitida pelas atividades extensionistas, a Universidade corre o risco de ficar isolada, ensimesmada, descolada dos problemas sociais mais prementes e incapaz de oferecer à sociedade e aos governos o conhecimento, as inovações tecnológicas e os profissionais que o desenvolvimento requer (FORPROEXT, 2012, p. 23).

Sendo assim, a união entre a extensão e as tecnologias da informação propiciaram a realização de uma formação profissional e humana em momento de crise, não apenas no âmbito das instituições, mas da sociedade como um todo. Por um lado, vemos o crescente debate acerca da remodelação nas práticas pedagógicas, doutro, temos a inserção das tecnologias digitais no cotidiano escolar como ferramenta de construção do saber.

Nessa concepção, as sociedades complexas configuradas no limiar do século XXI, com suas tecnologias e inovações, transformaram as relações humanas, seus tempos e contextos. Dispositivos como *smartphone*, *notebook*, *laptop*, *tablet*, estão inseridos no dia-a-dia social, inclusive na vida das crianças. Dessa forma, é necessário considerar que a escola atinge novos atores sociais, que nascem imersos no cenário tecnológico.

O desenrolar do ciclo de debates possibilitou uma imersão reflexiva frente às construções que configuram um rompimento de paradigmas, sendo esses apresentados I) na inserção tecnológica como ferramenta de ensino e de aprendizagem contrapondo aos métodos tradicionais; II) no amplo alcance das ações extensionistas no ambiente universitário, o qual, geralmente, se limita nas comunidades ao redor da Instituições de Ensino; III) no resgate das

práticas pedagógicas promovidas para a Educação Infantil, este último pensando nas visões de mundo advindas com o momento pandêmico que debate uma ressignificação nos processos educacionais.

No cenário da formação de professores da infância em contexto de pandemia, o Ciclo de Debates como uma ação de extensão caracteriza-se como um “sismógrafo do espírito” (HABERMAS, 1990) de uma nova era, rompendo com os paradigmas necessários. Ao longo dos encontros, abandonou-se a “perspectiva de observador”, colocou-se em prática a ideia de Austin.

A ideia de Austin, segundo a qual nós, ao dizermos algo, fazemos algo, implica a recíproca: ao realizarmos uma ação de fala dizemos também o que fazemos. Esse sentido performativo de uma ação de fala só é captado por um ouvinte potencial que assume o enfoque de uma segunda pessoa, abandonando a perspectiva do observador e adotando a do participante (HABERMAS, 1990, p. 67).

As falas, trocas e diálogos que aconteceram durante o evento, mais do que discursos e palavras, foram um reflexo das ações que estavam sendo desenvolvidas pelo grupo de pesquisa responsável pela organização do evento, que adotou a “perspectiva do participante”. Para além disso, buscando uma análise hermenêutica do cenário, lançou-se mão dos questionários, que desempenharam o papel dos indicadores descritos por Habermas (1990), buscando conhecer e entender as reais intenções e os motivos dos participantes.

Práticas (Auto)formativas com Professores da Infância

O processo de (auto)formação está ligado às inquietudes e questionamentos que o sujeito carrega consigo. No âmbito da docência, a reflexão sobre a prática permite que novos horizontes se expandam através das vivências e experiências cotidianas. Nessa perspectiva, o Ciclo abordou a necessidade do processo, problematizando o advento que está modificando o “ser professor”.

Visando oportunizar um espaço de (auto)formação que acolhesse com humanidade os docentes e suas demandas de trabalho no novo cenário educacional, o grupo de pesquisa localizado na UFPel realizou a ação de extensão, planejada e organizada por professoras e alunas da graduação e da pós-graduação. Buscando dar conta das novas demandas que surgiram, ao mesmo tempo em que lançava luzes sobre problemáticas já presentes na Educação Infantil, a performatividade do Ciclo de Debates centrou-se na relação entre criança, escola e família e como essa relação estava/está acontecendo no cenário atual. Através de uma abordagem ética e estética, os encontros privilegiaram um espaço de diálogo, que oportunizou e encorajou a (re)construção da subjetividade e das identidades dos docentes, que assumiram novos desafios e responsabilidades. Ou seja, buscou-se acolher, fortalecer saberes e criar uma rede de comunicação e apoio entre palestrantes e ouvintes. Ao longo do Ciclo de Debates, algumas das práticas que estavam ocorrendo durante a pandemia foram discutidas, analisadas e ressignificadas, repercutindo diretamente nas escolas de Educação Infantil nas quais os participantes do Ciclo atuavam.

As temáticas abordadas ao longo dos encontros foram elencadas a partir das novas demandas que os professores se depararam com o fechamento das escolas de Educação Infantil, sendo elas: 1. (Auto)formação de professores durante a pandemia; 2. Educação Infantil no modo remoto; 3. Saúde emocional de crianças e professores; 4. Os aprendizados docentes com o isolamento social; 5. Retorno às aulas na Educação Infantil; 6. Relação com as famílias: fazendo juntos; 7. Planejando um retorno pós pandemia; 8. Outros modos de estar com as crianças na escola de Educação Infantil; e, aos últimos dois encontros, reservou-se à temática “Construindo junto outras propostas pedagógicas”, nos quais se privilegiou o protagonismo dos participantes do evento, convidando algumas professoras para compartilharem suas experiências durante a pandemia com os demais.

O Ciclo abordou ao todo 9 temáticas que se desdobraram em 10 encontros. Uma das primeiras temáticas abordadas - e que se fez presente ao longo de todo o debate - dizia res-

peito à formação dos profissionais da Educação Infantil. Partindo da premissa de que “toda formação é (auto)formação”, o evento propôs-se a tematizar questões que estavam presentes no dia-a-dia da profissão do docente, da sua realidade, de suas rotinas e culturas profissionais (NÓVOA, 2009). Sobre o primeiro dia do evento, uma das respostas obtidas com os questionários foi,

... as discussões e os temas foram riquíssimos... achei muito interessante que os encontros não versaram somente sobre a temática da atuação durante a pandemia, mas também sobre as perspectivas de novos tempos e de um novo normal... (Participante 01)

A “pessoalidade do professor” e a “profissionalidade docente” a que se refere Nóvoa (2009) foram balizadores importantes ao longo de todos os encontros, assegurando que os professores e profissionais que estavam participando fossem “integralmente” contemplados com as discussões que ocorriam. O quanto que a pandemia iria mudar as formas de atuação docente era uma preocupação de todos os professores, acentuada, talvez, pelos medos e perigos que a ameaça da contaminação pelo vírus ensejava.

A segunda temática abordada no evento, Educação Infantil no modo remoto, trouxe um outro olhar sobre o papel das tecnologias durante a pandemia. Enquanto que no primeiro encontro abordou-se o impacto das tecnologias na (auto)formação dos profissionais da educação, como elas permitiram uma ampliação e maior divulgação dos conhecimentos e trocas que estavam ocorrendo e como possibilitou a amplificação do acesso a cursos, workshops e demais eventos de caráter formativo, no segundo abordou-se as possibilidades que a tecnologia oferecia para Educação Infantil. Em um dos questionários enviados obteve-se o seguinte retorno:

...a reinvenção da profissão docente, o momento em que vivemos de medo, incerteza e angústias, nos proporcionou e nos instigou a trilhar outros caminhos e a reorganizar nossos saberes e conhecimentos sobre as ações pedagógicas intermediadas pela tecnologia...(Participante 03)

Sempre partindo do posicionamento assumido pela organização do evento, referente a ilegalidade de um ensino remoto para a Educação Infantil, o foco das discussões e trocas de experiências foi a divulgação de práticas possíveis, e necessárias, que respeitassem as limitações do momento, das crianças, das famílias, dos professores e da escola, buscando responder ‘como ser presença em meio a ausência?’.

No terceiro dia, abordou-se a saúde emocional de crianças e professores. Falou-se sobre os efeitos do isolamento social e das demais medidas protetivas adotadas, que afetaram diretamente as crianças e os professores. Foi ressaltado ao longo do evento que essas medidas são importantes e necessárias para conter a transmissão do Covid-19 e, sempre que for possível, devemos segui-las. Através dos questionários, uma das participantes relatou sobre o terceiro dia:

Apreendi muito durante a live sobre saúde emocional das crianças e professores na pandemia, é um assunto que me abriu os horizontes e pensar sobre esse assunto na época que vivemos foi fundamental para acabar com as cobranças que fizemos a nós mesmos, aos professores e às nossas crianças. (Participante 50)

Indo ao encontro das discussões do segundo dia, comentou-se sobre a importância da presença das professoras e da escola para as crianças e para as famílias. Ao contrário de uma visão assistencialista, as falas foram ao encontro dos estudos de Arendt (2007), reforçando a educação como uma atividade necessária e elementar.

Ao longo do quarto dia, o qual teve como temática os aprendizados docentes com o isolamento social, deu-se ainda mais ênfase para os professores que estavam participando do evento. Ouvir os profissionais, seus aprendizados, suas dúvidas, anseios e necessidades auxi-

liou na criação de um vínculo e de um ambiente acolhedor, no qual todos contribuíram, participaram e compartilharam vivências com os colegas através do chat da transmissão no *Youtube*. Uma das participantes relatou-nos através dos questionários:

Compreendo que os vínculos com as crianças são importantes de serem mantidos. Neste momento ... nos bastidores da docência, nós, professores, vamos dando continuidade a nossa formação permanente de forma virtual. É um momento de reinvenção da nossa profissão ... nós professores temos dado sentindo a docência. (Participante 39)

Este encontro possibilitou aos participantes não apenas um importante momento para troca de práticas, ideias e sugestões de atividades, mas também oportunizou um espaço de fala onde esses profissionais expuseram também a necessidade de uma (auto)formação que valorizasse as emoções e sentimentos, em especial no cenário em que nos encontramos.

Com a temática retorno às aulas na Educação Infantil, o quinto dia foi marcado pelas questões que os participantes do evento consideravam as mais difíceis de serem abordadas quando o modo presencial retornasse. Dentre alguns dos pontos levantados, os mais comentados foram: a relação família, escola e crianças, como “recuperar o tempo perdido” e como lidar com as marcas emocionais originadas pela pandemia e seus desdobramentos, nas crianças, nas famílias e também nas professoras, uma vez que estas manifestar-se-ão nas salas de aula. Algumas das respostas que mais recebemos foram:

...Acredito que o mais difícil será o impacto emocional dos alunos e os profissionais da educação. A educação infantil é permeada por interações, contatos, cuidados pessoais que exigem muita proximidade com a criança... (Participante 70)

Somado ao impacto emocional das crianças e professores, a relação entre família, escola e criança também precisou adaptar-se ao momento, sendo essa uma das preocupações mais recorrentes entre os participantes do evento, como relatado nos questionários, “*Reconstruir uma nova relação família/escola...* (Participante 45)”. Sabe-se que o acesso às tecnologias, principal meio usado para manter contato, é desigual e possui algumas limitações, dessa forma, o contato das escolas e professores com algumas famílias acabou sendo cortado ou restringiu-se ainda mais. Ainda que o desenvolvimento das crianças em idade escolar de 0 a 5 anos siga ocorrendo, a preocupação dos educadores refere-se ao desenvolvimento pleno (BNCC, 2017), à oferta de possibilidades que instiguem a criança, a um repertório cultural, histórico e social amplo, o qual, normalmente, é assegurado pela escola em parceria com as famílias. O terceiro tópico apontado falava sobre as marcas emocionais que surgem como consequência dos desdobramentos da Covid-19. Como lidar com as emoções das crianças, como ajudá-las a compreender e expressar o que sentem e como responder a elas de forma saudável enquanto os professores também passam por esse processo.

Somando a uma das questões levantadas no encontro anterior, a temática “Relação com as famílias: fazendo juntos” foi o foco do sexto dia. O ponto de partida das discussões que ocorreram foi o questionamento “como estão as famílias?”. Os desdobramentos da pandemia afetaram diretamente a organização familiar de todos nós. Alguns dos retornos recebidos através dos questionários foram:

Acredito que a melhor forma de manter essa relação é na base da compreensão por ser um momento novo para as famílias e professores, e o diálogo... (Participante 13)

Respeitando os diferentes tipos de famílias, escutá-las sempre que possível e deixar claro que o mais importante neste momento é o bem estar da criança... (Participante 93)

Os pais e responsáveis se viram frente a novas demandas e cobranças, tanto no ambiente familiar, quanto no profissional. O desemprego, a perda de parentes e amigos, a acessibilidade e diversas outras questões foram abordadas como indicadores que influenciam na relação escola e família nesse momento. Com isso, ressaltou-se a importância de tentar manter e valorizar os vínculos que permaneceram e os novos que se estabeleceram, pois é através destes que a escola consegue se fazer presente.

“Planejando um retorno pós-pandemia” foi o tema do sétimo dia do evento. Neste, fez-se um resgate das discussões passadas, das mudanças identificadas, das novas cobranças que chegaram até os professores, às famílias e às crianças. Através dos questionários, obtivemos retornos como:

Primeiramente sendo empático com a família e com a criança. É extremamente necessário perceber as necessidades daquele grupo para conseguir elaborar atividade que os contemplem e que sejam eficazes... (Participante 33)

A importância de criar um planejamento que insira os desejos e vontades das crianças e o papel da escuta e do olhar sensível necessários, não só na Educação Infantil, mas também nas outras instâncias da educação. Proporcionar vivências contextualizadas que consigam abranger a totalidade da criança e estar em constante formação e reavaliação das atividades e vivências realizadas... (Participante 56)

Todos estes são fatores que diariamente deixam novas marcas em nós, que fomos mudando, nos adaptando às formas impostas pelo Covid-19, logo, um retorno à realidade que tínhamos antes não vai ser possível. As interações sociais, questões referentes ao conhecimento de si, de suas emoções e sentimentos são apenas alguns dos temas que vão precisar ser abordados com ainda mais frequência pelos profissionais da Educação Infantil.

O oitavo dia do evento teve como tema gerador “Outros modos de estar com as crianças na escola de Educação Infantil”. O ponto de partida das discussões foi a organização de ateliês na Educação Infantil, visto que as práticas envolvendo arte, música e dança favorecem a expressão das crianças, sendo esta uma atividade de vital importância na Educação Infantil, em especial nesse momento. Dentre os retornos desse dia, obtivemos respostas como:

Trabalhar com a criatividade e explorar o conhecimento prévio e também leitura de mundo que as crianças já têm, torna-se fundamental, principalmente pós pandemia, que provavelmente eles terão muitos sentimentos para expor. (Participante 27)

Penso que a arte está em tudo o que fazemos, pois envolve o nosso corpo. Desde o caminhar, o pegar um objeto, escrever, desenhar, falar, cantar...então sim...trabalhei e sempre irei trabalhar com a arte na educação, de forma lúdica e envolvendo os alunos...Enfim, seria valorizado os conhecimentos construídos, estimulando o crescimento e a aprendizagem da criança. Iriam aprender brincando, fazendo arte!”. (Participante 05)

Abordou-se novamente algumas das práticas que estão sendo desenvolvidas pelos professores, deu-se sugestões de atividades que podem ser desenvolvidas nesse momento, pensando nas limitações que a distância e a falta de recursos impõe.

Os últimos dois dias do evento tiveram como tema “Construindo junto outras propostas

pedagógicas”. Nestes encontros, algumas das professoras que estavam acompanhando o Ciclo foram convidadas a participar e partilhar com as demais participantes práticas que estavam desenvolvendo, projetos que visavam assegurar a comunicação entre família, escola e crianças. Partindo desses relatos, foram elencados alguns princípios para as práticas pedagógicas que estão sendo desenvolvidas na Educação Infantil, como por exemplo: a autonomia da criança; reconhecimento dos direitos da criança; constante reflexão dos educadores sobre as práticas que desenvolvem; dentre outros. Ao final desses dois encontros, alguns dos retornos que obtivemos foram:

...Neste momento de pandemia, o ciclo de debates, veio para fortalecer que a Educação é possível e os obstáculos são aprendizagens e precisam ser encarados com um processo de construção. Precisamos pensar na família, na criança e no contexto que estão inseridos desenvolvendo atividades que valorizem e incentivem todos de forma construtiva e prazerosa... (Participante 15)

Pude perceber a importância do olhar atento e da construção, manutenção e comprometimento para o mantimento do vínculo com as crianças que atendemos nas instituições. Também, a indispensabilidade do cuidado na hora de propor as atividades, buscando sempre compreender o contexto e as possibilidades, bem como, os modos valorativos que possam ser atribuídos positivamente e construtivamente para as crianças, pais e educadores nesse e em outros momentos. (Participante 05)

...Poderia passar a noite inteira falando sobre as aprendizagens, a relação com a BNCC, o trabalho com o socioemocional tanto nosso quanto das nossas crianças ou quem sabe sobre o atelier, porém acredito que não caberia tudo a este momento. Para finalizar gostaria de agradecer imensamente ao trabalho desenvolvido e tenho certeza que não sairei deste II ciclo como eu entrei... (Participante 90)

Ressaltou-se a importância desses princípios para embasar as práticas que ocorrem nesse momento, uma vez que o propósito é ser presença em meio a ausência, estar junto respeitando as limitações do atual cenário e não apenas passar atividades que “garantam presença”. Logo, as ações desenvolvidas ao longo dos dez dias de evento, pautaram-se em reflexões sobre o entendimento das possíveis lições que a pandemia trouxe ou da nossa capacidade de narrar os acontecimentos da crise em sua historicidade e com responsabilidade e ética. Dessa forma, esta pesquisa configura-se como uma experiência praxiológica que registra as marcas deixadas pela pandemia na docência e as localiza na historicidade dos processos de formação humana e docente. Em destaque, estão os elos que ligam professores e crianças em um mundo comum, que pede por partilha, cuidado, conservação e renovação.

Nessa perspectiva, Tardif aponta os saberes docentes como uma produção específica do professor, vendo-o “como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (TARDIF, 2014, p. 36), ou seja, a proposta apresentada pelo Ciclo permitiu que as reflexões em torno do momento pandêmico fossem ferramentas para a construção de um saber crítico, visando observar as realidades distintas que a anormalidade apresenta e seus contextos.

As construções apresentadas pelos participantes evidenciam a necessidade de promover ações que sejam atualizadas frente aos novos desafios enfrentados pela educação. Isso significa que “o ensino é uma atividade humana, um trabalho interativo, ou seja, um trabalho

baseado em interações entre pessoas” (TARDIF, 2014, p. 118). Através da interação proposta pelo Ciclo de Debates, todos os presentes puderam refletir sobre as especificidades vivenciadas em seus diferentes contextos e de como seus saberes poderiam continuar sendo expressos à comunidade, vislumbrando outras possibilidades de reconhecer-se como professores, agora, longe das salas de aula.

Dentre os *feedbacks* constantes no formulário de avaliação, destaca-se a importância de compreender as relações para além dos muros da escola, entre professores existe um elo que precisa ser pautado, a família.

Uma vez destacada a importância da família, vale analisar a sua ação socializadora e sua relação com a educação, visto que é consenso entre os pesquisadores o papel que os pais desempenham como primeiros educadores de seus filhos, sendo pares indispensáveis no processo de educação da criança. (FERREIRA E GARMS, 2009).

A importância e a necessidade de haver uma parceria entre escolas, professores e famílias é indubitável. A indissociabilidade que deve haver entre os “primeiros educadores” e os professores das crianças foi reafirmada ao longo dos dez dias do Ciclo. Dessa forma, ressalta-se o que se expressa na LDB (1996):

Art. 2º. A educação, dever da família e do estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho

Esse dever, para além de abarcar parte do sistema social, é fomentado na família, em relações nas quais dogmas, hábitos, crenças e modo de vida guiam os gestos. Esse conjunto de saberes chega aos professores junto com a criança. Dado que durante a pandemia a relação com as famílias se intensificou, já que elas eram as mediadoras da relação professor/criança, a carga de valores e concepções presentes no trabalho docente multiplicou-se, demandando dos professores o exercício de múltiplas habilidades e conhecimentos para acolher, orientar e cuidar dos processos de aprendizagem em curso.

Ao refletir acerca da Educação Infantil pós-pandemia, cujos atores sociais são crianças de 0 a 5 anos, devemos considerar as exigências de uma modificação no espaço institucional, além do fortalecimento da parceria com a família nesse momento. Segundo Szymanski (2004, p. 07), “é na família que a criança encontra os primeiros ‘outros’ e, por meio deles, aprende os modos de existir - seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito”. Portanto, é necessário um trabalho em equipe para constituir uma ligação entre escola, família e sociedade, a fim de promover uma educação crítica, que acolha as crianças em um mundo comum, com humanidade e respeito às diferentes necessidades de adultos e crianças.

Portanto, o Ciclo de debates, promoveu, através das reflexões acerca das práticas pedagógicas na Educação Infantil, um momento (auto)formativo, de modo que resgatasse, por meio de questionamentos, debates e aportes teóricos, o sentido da atuação docente no âmbito da educação da infância, mantendo o equilíbrio entre as necessidades e vontades das famílias e das crianças, assim como as diretrizes e concepções inegociáveis para a oferta de Educação Infantil. Ainda, para que os professores e as famílias possam olhar para a criança em seu processo de descoberta e entendimento do seu propósito neste mundo, é necessário que esses adultos também partilhem sentimentos de empatia e acolhimento, sendo este tempo de catástrofe e fragilidade humana um bom momento para praticar estes valores.

Considerações Finais

Nesta pesquisa, tivemos como objetivo principal compreender as reflexões e mudanças que a pandemia de Covid-19 ocasionou aos professores de Educação Infantil. Também cogita-

mos os possíveis impactos sobre o trabalho docente neste cenário atípico, em que o uso das tecnologias digitais ressignificou o contato, as interações e as possibilidades de experiências, adaptando ou renovando nas formas de “estar presente”.

Para além disso, com as atividades desenvolvidas no Ciclo foi possível proporcionar uma formação de qualidade, uma formação estética e sensível ao contexto atual, às demandas dos professores, das famílias e das crianças. Compreendemos que a máxima adotada pelo evento “ser presença em meio a ausência”, mais do que necessária, influenciou positivamente os participantes e suas práticas através das trocas, discussões e construções significativas.

Partindo dos retornos obtidos através dos questionários, nos quais os participantes relataram a importância da formação humana que experienciaram ao longo do ciclo, ressaltamos a necessidade de um cuidado com a saúde emocional, primeiramente dos professores. As orientações, acompanhamentos, relações estabelecidas e “acolhimento dado a todos” (ARENDR, 2007, p. 3) feitos pelos docentes, só ocorrem quando há uma condição psíquica e emocional saudável, de modo que essas sejam refletidas na prática pedagógica.

Referências

ARENDR, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas: Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9.394/96. 20 de dezembro de 1996.

FERREIRA, Luiz Antonio Miguel; GARMS, Gilza Maria Zauhy. **Educação Infantil e a família: perspectiva jurídica desta relação na garantia do direito à educação**. Rev. Bras. de Política e Administração da Educação, v. 25, n. 3, p. 545-561, set./dez, 2009. Disponibilidade em: <https://seer.ufrgs.br/rbpaee/article/view/19664/11462>. Acesso em: 27 jan. 2021.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (FOR-PROEXT). **Política Nacional de Extensão Universitária**. “Coleção Extensão Universitária”. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Dialética e Hermenêutica: Para a Crítica da Hermenêutica de Gadamer**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

NÓVOA, A. (2009). **Para uma formação de professores construída dentro da profissão**. Revista de Educación, 350, 203-218. Disponibilidade em: http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf. Acesso em 27 jan. 2021.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Rio de Janeiro: Contra-

ponto, 2012.

SZYMANSKI, Heloisa. **Práticas educativas familiares: a família como foco de atenção psicodiducacional**. Estud. psicol. (Campinas) [online]. 2004, vol.21, n.2, pp.5-16. Disponibilidade em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0103-166x2004000200001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 27 jan. 2021.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. **Bases Teóricas-Metodológicas da Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais. Idéias Gerais Para a Elaboração de um Projeto de Pesquisa**. Caderno de Pesquisa Ritter dos Reis. Vol IV. Nov. 2001. 2ª Ed. Porto Alegre. Faculdades Integradas Ritter dos Reis. 2001.

Recebido em 31 de janeiro de 2021.

Aceito em 19 de abril de 2021.